

CAMINHANDO PARA UMA COMUNIDADE ECLESIAL CONSTRUÍDA POR PESSOAS DE DIFERENTES NACIONALIDADES

Preâmbulo

Desde o início de meu ministério como pastor da arquidiocese de Tóquio propuz, como critério e guia das atividades missionárias e pastorais de nossa igreja, as tres seguintes metas, que poderão recordar: 1) Aspiramos formar uma comunidade eclesial missionária; 2) aspiramos formar uma comunidade de encontro mútuo; 3) aspiramos formar uma comunidade que cuida a vida, preocupada pela proteção de toda vida. Estes tres pilares sustentarão o edifício de nossa igreja.

Para determinar o projeto de atividades pastorais e missionárias da nossa arquidiocese, inspiraram-me e animaram-me as palavras do Papa Benedito XVI na sua Carta Encíclica *Deus é amor* “A essencia da Igreja se expressa nas tres seguintes tarefas: proclamar a Palavra de Deus, celebrar os sacramentos e por em prática o serviço da caridade” (Deus é amor, nº 25)

Estas tres tarefas se relacionam e se implicam mutuamente. A proclamação missionária da Palavra de Deus pressupõe a celebração comunitária dos sacramentos. Esta celebração comunitária dos sacramentos nos da motivo e impulso para praticar o serviço da caridade. Este serviço da caridade consiste, especialmente, em realizar o modo de viver de Nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, devemos cuidar com grande interesse o cumprimento desta triple incumbência. Com esta finalidade teremos que cooperar para a edificação de uma comunidade missionária, uma comunidade de encontro mútuo e uma comunidade que cuida a vida; cuida toda vida e em todo momento.

No marco destes critérios orientadores da atividade pastoral e missionária, está incluída a atividade pastoral e missionária dos fiéis de nacionalidade estrangeira, relacionada especialmente com o segundo dos pilares mencionados: a aspiração de ser uma comunidade de encontro mútuo. Na *Guia para o projeto pastoral da arquidiocese* formulei assim: “Na arquidiocese de Tóquio vivem muitos fiéis de nacionalidade estrangeira. Também seus filhos e filhas são membros de nossa comunidade. Procuremos que seja fecundo o encontro com a comunidade paroquial próxima a área da sua residencia”. Desejo que estas palavras sejam recebidas como um convite e chamado a toda a comunidade diocesana. Para por em prática mais concretamente o modo de realizar as atividades pastorais e missionárias com os fiéis de nacionalidade estrangeira, necessitamos umas orientações mais detalhadas. Para isto foi redatado este documento, que é uma *orientação para as atividades pastorais e missionárias com os fiéis de nacionalidade estrangeira*.

Mas, este documento não vai dirigido exclusivamente aos fiéis de nacionalidade estrangeira, senão está dirigido a todas as pessoas agentes de dita pastoral: laicos e laicas, religiosos e religiosas, sacerdotes diocesanos e religiosos, assim como a todas as pessoas que cuidam as diversas paróquias e comunidades de fé dentro da diocese. A razão é a importância que tem para a nossa diocese a tarefa de procurar a unidade, profundizar o encontro com os fiéis de nacionalidade estrangeira e com seus filhos e filhas.

Antes de entrar no conteúdo concreto desta orientação pastoral, quero compartilhar com todos vocês a visão que tenho da Igreja no Japão, tal como a represento no meu coração desde a perspectiva da minha responsabilidade como bispo encarregado do cuidado pastoral da arquidiocese.

“Unidade na diversidade””: este foi o lema que propuz ao receber a incumbência desta sede diocesana. Desde então seguí pensando que, no meio da sociedade atual, tão plural na sua variedade de culturas, valores e modos de viver, as comunidades de fé existentes na diocese, especialmente as comunidades paroquiais, que constituem a base principal da comunidade diocesana, todas e cada uma delas tem de acolher a uma variedade de pessoas em circunstancias diferentes. Particularmente, desejo que sejamos uma igreja que acolhe e reconhece a muitas pessoas de nacionalidade estrangeira que vivem no Japão. Peço e desejo que pouco a pouco nos tornemos uma comunidade paroquial que não se reduz a ser somente uma paróquia de fiéis japoneses, senão que inclua a muitos fiéis de nacionalidade estrangeira que compartilhem juntos a vida e a fé. Numa palavra, desejo que passemos de uma “igreja de Japão” constituída por japoneses a uma “igreja de Cristo que está em Japão”, na que os fiéis japoneses compartilhem vida e fé com numerosas pessoas de nacionalidade estrangeira com as que convivem no Japão.

Para que mudemos a esta maneira de ser igreja, fará falta muito esforço e sacrifício. Mas quando se logre uma igreja assim, esta nova figura da igreja se converterá num signo que mostre o vínculo com Deus, com as outras pessoas e com nosso entorno. Assim é como se irá realizando concretamente o ideal da “unidade na diversidade”.

Pensando deste modo, o tema de como cultivar uma comunidade de fiéis que convive com os fiéis de nacionalidade estrangeira se converte no reto da evangelização, isto é, de como levar a cabo o enraizamento do Evangelho na sociedade atual. Essa é também a imagem da igreja que aspiramos e o caminho a seguir pelas comunidades da arquidiocese. Ao mesmo tempo que peço compreensão e cooperação de todos para que se torne realidade esta visão, queria considerar um plano de ação concreto baseado na presente orientação pastoral.

Além disto, no documento presente analizarei a situação presente da pastoral dos fiéis de nacionalidade estrangeira e pensarei sobre a tarefa que temos pendente, com o fim de poder indicar depois algumas metas concretas.,

1. Análise da situação

Uma comunidade de fé formada por pessoas de diferentes nações, culturas e línguas, na que diferentes culturas se compreendem mutuamente, diferentes línguas se aceitam mutuamente e pessoas procedentes de diferentes lugares se reconhecem mutuamente; uma comunidade assim surge e se sustem pela cooperação dos membros provenientes de diversos ambientes e circunstancias.

Há famílias nas que várias gerações convivem na sociedade japonesa e compartilham a história de nossa igreja. Há também pessoas refugiadas, provenientes de vários países do sudeste asiático, que tiveram de separar de sua pátria e solicitar asilo no Japão, onde se arraigaram. Há também pessoas que emigraram ao Japão buscando a seguridade económica e trabalham aqui. Há também os que residem aqui por algum tempo como estudantes ou por aprendizagem e treino técnico. Há também alguns que, pelo encontro e trato com outras pessoas, debilitados os laços com seu próprio país, começaram uma nova vida no nosso país. Há também pessoas que, sem ter podido obter uma visa de residencia apropriada, tem de permanecer na sociedade japonesa. Há também alguns que solicitam legalmente asilo como refugiados, porque tiveram de fugir da perseguição e vieram ao Japão em busca de liberdade. Tais são as circunstancias tão diferentes de muitas pessoas de nacionalidade estrangeira que convivem conosco como próximos nossos.,

Se consideramos a situação da diocese de Tóquio, tendo em conta especialmente a relação com os fiéis de diversas línguas, culturas e países dentro de nossas comunidades paroquiais, podemos distinguir tres estilos diferentes de convivência na comunidade paroquial.

- a) Em algumas paróquias, embora não se celebra a missa em língua estrangeira, a comunidade paroquial se preocupa de utilizar diversos recursos para apoiar os fiéis estrangeiros.
- b) Em outras paróquias, embora seu núcleo central seja a missa em japonês, há uma comunidade que celebra a missa em língua estrangeira. As vezes é o próprio pároco que a celebra, outras vezes é um sacerdote chamado de fora.
- c) Há algumas comunidades de fé ou comunidades paroquiais nas que um grupo de determinada nacionalidade e língua constitue uma comunidade e assume sua responsabilidade pastoral.

No marco destes tres estilos diferentes de convivência eclesial, surgem na prática diversos modos de relacionar-se. Em algumas paróquias há, uma vez por mes, uma missa em língua estrangeira. Em outras, é celebrada uma missa em língua estrangeira cada semana. Em outras, a missa é celebrada em mais de uma língua. Há fiéis que somente participam na missa de sua própria língua, outros assistem também a missa em japonês. Outros, pelas circunstancias familiares, embora sejam japoneses, assistem a missa em língua estrangeira. Também há aqueles que, apesar de terem sido batizados, não assistem a missa.

Creio que com este resumo esquemático que acabo de apresentar se compreenderá a diversidade de formas de relacionar-se a que dão lugar estes tres estilos de comunidades.

Provavelmente vão surgir mudanças e novas formas de relacionar-se os fiéis japoneses e os estrangeiros. Os tres estilos de comunidade paroquial mencionados têm respectivamente suas vantagens e seus aspéctos que podem ser melhorados como tarefa pendente. A continuação indicarei algumas tarefas pendentes e sugerirei uma orientação para a pastoral missionária dos fiéis de nacionalidade estrangeira.

2. Reflexões sobre a tarefa pendente:

2.1. Para lograr a unidade e integração na diocese

O povo de Deus se reúne guiado pelo bispo. Cada um dos fiéis, seja japonês ou estrangeiro, deve ser consciente de sua comunhão com o bispo. Cada fiel deve ter consciência de ser um membro da diocese sob a guia de seu bispo. Insisto neste aspecto de nossa maneira de viver na comunidade eclesial, não somente desde o ponto de vista da organização da igreja católica, senão também por sua importancia para viver a fé. A diocese é o ponto de apoio do povo de Deus que vive a fé e proclama o evangelho em sua região geográfica. Sob a guia do bispo se vai criando a unidade da comunidade.

Em qualquer dos tres estilos de comunidades de fé anteriormente mencionados, devemos prestar atenção especialmente neste ponto. É certo que uma língua comúm cria laços de união entre os fiéis. Entretanto, não devemos esquecer que pertencemos à diocese de Tóquio. Portanto, tomemos consciência de ser membros da comunidade eclesial encarregada de anunciar o evangelho na área de Toquio e Chiba. De modo contrário correríamos o perigo de que cada comunidade paroquial somente olhe para o interior de si mesma.

A união com a diocese, especialmente, se mostra na comunhão comigo como arcebispo por meio da liturgia da confirmação. É cultivada depois por meio da colaboração com o grupo territorial de cooperação missionária. Além disto, em ocasiões como a Semana de Oração pela paz e outras atividades e celebrações nas que participa a diocese toda, se experimenta e profundiza concretamente esta união. Espero, portanto, que esta vivencia de encontro e comunhão entre fiéis de distintas línguas se fomente e frutifique.

2.2 Para lograr a integração com a paróquia

Construir a unidade como comunidade de fé que é o corpo de Cristo, superando as diferenças de cultura, língua, nacionalidade ou raça, é a tarefa que confrontam as comunidades paroquiais. Não é coisa fácil manter a unidade e comunicação da comunidade nas paróquias que têm várias missas os domingos e não todas na mesma língua. A realização desta unidade será difícil sem uma decisão firme de fé e um respeito profundo às outras

peças. Será difícil a realização da unidade baseada verdadeiramente no evangelho, se os fiéis japoneses exigem que os estrangeiros se submetam a eles. Os fiéis estrangeiros, neste caso, ficariam reduzidos a meros convidados.

Por outro lado, convém que os fiéis estrangeiros, no meio de uma sociedade não cristã e sem esquecer a preocupação pelo próximo, reconheçam o esforço e dificuldades dos fiéis japoneses para sustentar a comunidade paroquial.

A unidade não se consegue facilmente desde o começo. Com o encontro surge o intercâmbio. Se vai crescendo na unidade. Por isso lhes animo a que cultivem a consciência de ir construindo juntos a comunidade paroquial. Reconhecendo mutuamente as diferenças, se vai realizando pouco a pouco o Reino de Deus que se expressa em forma de cooperação. Construamos o Reino de Cristo deste modo em cada área regional.

Com o fim de construir o corpo de Cristo, o papel do pároco como pastor e missionário evangélico é muito importante. Nas comunidades paroquiais do segundo estilo antes mencionado, a comunicação e união com o pároco é fundamental. Mesmo quando se chame um sacerdote de fora para a celebração das missas em língua estrangeira, a preocupação pastoral pelas pessoas que ali se reúnem é responsabilidade do pároco. Animo-lhes a que se mostrem assim. Uma palavra ou um cumprimento por parte do pároco anima e fortalece os fiéis estrangeiros. Procurem os sacerdotes considerar isto. Convém que o pároco, na medida do possível, estreite a relação com os sacerdotes que ajudam na celebração das missas em língua estrangeira e com o CTIC.

É maior o caso das comunidades paroquiais do primeiro estilo mencionado, no qual se celebra a chamada missa internacional. Manifestar a unidade da comunidade por meio da liturgia é um reto para os participantes, e ao mesmo tempo apresenta uma oportunidade muito boa para uma experiência de graça. Superando juntos o estresse e as dificuldades, é maravilhoso que possamos reunir-nos juntos em torno à mesa do Senhor.

Mas, é uma lástima que são muitos mais os fiéis estrangeiros que participam nas missas do segundo ou terceiro estilos antes mencionados. Desejaria que amemos, ajudemos e apoiemos a comunidade paroquial do bairro em que vivemos. Para reunir as pessoas e conduzi-las a nosso Pai Deus, Cristo que se ofereceu na cruz, reúne na missa a muitas pessoas e, para fazer de todas uma, se abaixa até a forma de um pedaço de pão. Para quem compreende esta atitude de Jesus para conosco, creio que será possível fazer uma liturgia que reúna em unidade a toda a comunidade paroquial. Procuremos multiplicar os recursos para que sejam mais fecundas estas missas internacionais.

Para conseguir uma liturgia que aspire à unidade, especialmente na celebração da missa, é necessário que vários fiéis, tanto japoneses como estrangeiros, colaborem na sua preparação. É natural que se impliquem positivamente desempenhando vários papéis. Convém também que os fiéis estrangeiros, que habitualmente têm dificuldade na sua vida

diária para a comunicação, compartilham com todos a informação, avisos, etc. Portanto terá que cuidar a comunicação multilíngue dentro da paróquia. A experiência e o sentimento de que a comunidade paroquial se sustenta graças ao esforço e cooperação de uma pluralidade de pessoal contribuirá a enriquecer nossas celebrações.

2.3 A pertença à comunidade paroquial

Os fiéis, por regra geral, devem pertencer à comunidade paroquial da área local, perto do seu domicílio. Na “Igreja que está no Japão”, com o fim de estreitar o vínculo com a comunidade paroquial, é adotado o sistema de registro dos fiéis. Por meio do donativo mensal, chamado “contribuição ao manutenção da Igreja”, os fiéis contribuem ao manutenção e ajuda da comunidade paroquial. Além disto, para que funcionem facilmente os avisos e comunicações, assim como os procedimentos para o registro de batismos e defunções, etc, ajuda este sistema de registro.

Entre os fiéis de nacionalidade estrangeira são muitos os que não estão registrados em nenhuma comunidade paroquial, com o resultado de que não está clara sua pertença eclesial. Para os que vêm de um país ou região na que não existe este sistema de registro, provavelmente será difícil entender a necessidade ou vantagens deste sistema. Além disto, é possível que por conveniência própria sejam muitos os que vão para a missa em outras áreas onde há missa em língua estrangeira. Além disto, é real que muitas vezes estes fiéis não residem estavelmente num mesmo domicílio por muito tempo.

Por outro lado, numa parte das paróquias da diocese se explicou e se pôs em prática este sistema com os fiéis estrangeiros. De agora em diante, tendo como referência estes casos, a nível de toda a diocese, faremos que se registrem individualmente todos os fiéis, tanto japoneses como estrangeiros. Estamos planejando recomendar aos fiéis de nacionalidade estrangeira que pertençam à comunidade paroquial próxima a seu domicílio.

2.4 A educação na fé da geração seguinte

Transmitir a fé à seguinte geração é uma missão importante da igreja, sobretudo da comunidade paroquial. Mas, temos de reconhecer um fato: até agora não conseguimos educar na fé a geração seguinte dos fiéis que participam nas missas em língua estrangeira.

Nas comunidades paroquiais do segundo estilo mencionado, é difícil que os filhos e filhas das famílias que assistem a missa em língua estrangeira participem na escola dominical organizada para a educação na fé dos meninos e meninas japoneses. Além disto, em muitos casos não vão regularmente à mesma igreja e não se pode esperar que os meninos participem com as demais crianças da paróquia na escola dominical. É certo que, para a primeira comunhão ou crisma, se consegue, às vezes, que façam a preparação juntos. Mas depois da recepção dos sacramentos, acaba esta participação. Não são suficientes estas reuniões de preparação para os sacramentos para solucionar o problema da transmissão da fé à geração seguinte.

Para que a geração seguinte se encontre com Deus dentro da comunidade de fé e possa cultivar o encontro com Nosso Senhor Jesus Cristo, é necessário que nos comprometamos de diversas maneiras a nível de paróquia e a nível de diocese.

2.5 A dispersão das missas em língua estrangeira

As missas em língua estrangeira, segundo o primeiro e segundo estilos antes mencionados, começaram ao redor da década dos oitenta aos noventa, como um serviço realizado aos fiéis que acudiam às comunidades paroquiais. Assim foi como nasceu o costume de celebrar uma vez ao mes uma missa internacional.

Neste contexto se fomentou a comunicação com os fiéis japoneses de várias maneiras. Em uns casos se realizou segundo a modalidade de missa internacional. Em outros casos se adotou a forma de que a comunidade paroquial emprestava o lugar para a celebração da missa em língua estrangeira. Mas em todos os casos há que dizer que a igreja no Japão acolheu positivamente como irmãos e irmãs na fé os fiéis provenientes do estrangeiro. De nenhum modo foi em vão o esforço de todos para resolver as dificuldades do encontro.

Mas, já passaram várias décadas desde então. A situação atual de dispersão das missas celebradas em língua estrangeira não ajuda para a formação de comunidades de fé, nem para a transmissão da fé à geração seguinte. Além disto, com a diminuição do número de sacerdotes, não é previsível que possamos responder às necessidades destas celebrações em língua estrangeira. A partir de agora temos que considerar como um tema pendente a nível de toda a diocese a redistribuição das missas somente em língua estrangeira. Concretamente, haverá que determinar qué igrejas deveriam constituir os pontos principais das celebrações em diversas línguas.

Mas, isto não deve significar que descuidemos o primeiro estilo antes mencionado, isto é, a missa internacional da “Igreja que está no Japão” com sua característica de liturgia plurilíngue. Desejo que aspiremos a formar comunidades paroquiais que assumam a responsabilidade de agrupar os fiéis de diferentes culturas, línguas, nacionalidades e raças, superando suas diferenças para rezar juntos e crescer em sua vida de fé.

2.6 Compreensão e cuidado da pluralidade

Aspirando a construir comunidades unidas na fé, faz falta projetar luz sobre a graça que supõe o respeito à pluralidade. Para os imigrantes que vivem no Japão não é bom desprezar o descanso que supõe a pertença ao pequeno grupo de sua própria língua. Longe das dificuldades da vida diária, é um gozo sentir-se acompanhados pelos que falam a própria língua. Isto também vale para as dificuldades que os jovens experimentam no trabalho ou nas escolas.

Nestas reuniões segundo a diversidade de línguas e de nacionalidades, as pessoas que se reúnem alí podem compartilhar a maneira de viver a fé livremente. Também será possível

que contribuam criativamente à comunidade paroquial. Sobretudo, as atividades destes grupos poderão converter-se em lugar de descanso espiritual para cada pessoa.

Os fiéis japoneses não devem rechaçar as atividades dos grupos de reunião segundo a diversidade de língua ou nacionalidade. Ao contrário, reunidos diversos grupos de características diferentes, convinha procurar que construamos uma mesma comunidade paroquial unida e plural. Além disto, não é desejável que cada um dos grupos de atividade existam aislados da comunidade paroquial. Sobre este ponto convém advertir aos fiéis de nacionalidade estrangeira.

2.7 Cuidado e evangelização dos fiéis cuja vinculação com a igreja se ha debilitado

No caso de muitos fiéis, tanto japoneses como estrangeiros, é um fato que, apesar de terem sido batizados, se debilita logo o vínculo com a comunidade paroquial e a relação com a igreja. Que fazer para estreitar a relação com estas pessoas e também com as que ainda não receberam o batismo?

No caso de fiéis de nacionalidade estrangeira, com ocasião do casamento ou o falecimento, se apresenta a ocasião de entrar em contato com a comunidade paroquial. Também, através do CTIC ou dos sacerdotes encarregados de celebrar a missa em língua estrangeira, surge a oportunidade de recuperar a relação com estas pessoas. Aos encarregados da pastoral na comunidade paroquial os rogo encarecidamente que tenham misericórdia e compreensão pastoral para adaptar-se às diversas circunstancias excepcionais.

A igreja, desde o ponto de vista de promover a evangelização tem por objetivo a todas as pessoas. Gostaria de insistir em que os grupos antes mencionados de diversidade linguística e cultural também são sujeitos responsáveis de levar a cabo a missão de evangelizar.

Provavelmente temos de pensar, sobretudo, em como atender as necessidades pastorais destas pessoas; mas, como se faz com os fiéis japoneses, providenciemos meios de formação como os cursos de introdução à fé, nos que compartilhem com outras pessoas sua fé e sua missão de transmiti-la. A Igreja, na sua missão de evangelizar, deve ter presente a necessidade de evangelizar as pessoas de nacionalidade estrangeira residentes no Japão.

3. Sobre CTIC

Em 1990 se fundou CTIC para responder com um serviço à igreja e à sociedade que cada vez se tornava mais internacional. Relacionando-se com muitos imigrantes, presta serviços pastorais e sociais solicitados em diversas ocasiões. Ao largo destes anos foi evolucionando. Agradecemos de coração o voluntariado, as orações e os donativos de muitas pessoas que o sustentaram até agora. Dois pontos importantes das atividades de CTIC são:

- a) Apoiar as paróquias da diocese no esforço pastoral pela atenção aos fiéis de diversas nacionalidades.

b) Apoio concreto às necessidades de vida de pessoas de nacionalidade estrangeira.

Sobre estas duas atividades houve até agora evolução segundo as circunstâncias na hora de priorizar umas ou outras ajudas e atividades. Temos que admitir também que, por parte da diocese, houve diferentes percepções sobre a função do CTIC

De agora em adiante, ao mesmo tempo que se aclara o âmbito de atividade do CTIC e insistindo na cooperação com outros grupos de atividades diocesanas, com o fim de que funcione para responder às necessidades pastorais dos fiéis de nacionalidade estrangeira, vamos emprender a reestruturação da organização de CTIC. Dentro do marco da atual Guia de Orientação Pastoral e Missionária, expliquei claramente na reorganização de Caritas diocesana. Concretamente, centrado no vigário geral, unificaremos, com o CTIC como núcleo, todos os comités que se ocupam das atividades sociais da diocese. A essência da igreja é *koinonia y diakonia*. Mas a *diakonia* não é uma simples oferta de serviços. Melhor dito, é um ministério de empequenecer-se a si mesmo para servir. Começa por oferecer serviços em relação com pessoas de nacionalidade estrangeira e se vai transformando em prestar serviço juntos para dar vida a muitas pessoas.

4. Resumo da Guia pastoral e orientações de cara ao futuro.

Suposta a análise e a reflexão anteriores, resumirei a guia pastoral sobre os fiéis de nacionalidade estrangeira nos seguintes pontos:

- A arquidiocese de Tóquio aspira realizar, tanto a nível de diocese como a nível das diferentes comunidades paroquiais, a unidade da comunidade diocesana, superando as diferenças de cultura, língua, nacionalidade ou raça.
- Na arquidiocese de Tóquio aspiramos formar uma comunidade de fé, na que todos os fiéis pertençam a sua respectiva comunidade paroquial e compartilhem a responsabilidade de cuida-la e gerencia-la
- Na arquidiocese de Tóquio aspiramos formar uma comunidade de fé, na que todos nos respeitamos mutuamente e, apoiados com a firme decisão de fé, nenhuma pessoa fique excluída e todas se reunam na unidade da fé, dentro da variedade de nacionalidades, línguas ou raças.

Para apoiar a tarefa de superar as diferenças entre as diversas comunidades paroquiais, a arquidiocese de Tóquio cria uma organização de atividade pastoral social centrada em CTIC e organiza um sistema de apoio.

- Além disto, aproximadamente dentro de tres anos será feita uma revisão e avaliação sobre o conteúdo expressado nesta guia pastoral e sobre a sua implementação.

- Finalmente, embora esta revisão e avaliação é levada a cabo centrada no Conselho Pastoral e Missionário diocesano, convidamos a que, na medida do possível, participe nela a colaboração de todos.

5.Epílogo

“Assim acontece também com Cristo. Pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo, quer sejamos judeus ou gregos, quer escravos ou livres” (! Cor 12,13) Como Paulo escreve, todos nós cristãos somos membros igualmente importantes de um mesmo corpo., Em qualquer parte do mundo que estejamos, constituimos neste lugar comunidades que recebem comuniricamente a mesma missão de proclamar o Evangelho. Nossa fé não é individual, senão, comunitária. Essa comunidade é um só corpo; o corpo de Cristo.

19 de março de 2021

Tarcisio Kikuchi Isao

Arcebispo de Tóquio